

# Plano Baker: apoio com restrições

Dinda Etk

22 DEZ 1985

REALI JUNIOR  
Nosso correspondente

PARIS — Ninguém rejeita globalmente o "Plano Baker" que propõe novos caminhos para o problema da dívida externa dos países em desenvolvimento, mas com exceção dos grandes bancos norte-americanos, que apolam suas linhas gerais, os demais parceiros envolvidos diretamente formulam críticas setoriais ou propõem medidas complementares para aperfeiçoá-lo. Isso ficou caracterizado, durante toda a semana, com as repercussões da reunião do grupo de Cartagena, em Montevidéu, de um lado, e com as reações dos bancos franceses, suíços e alemães, do outro.

Os países devedores consideram a proposta do secretário do Tesouro dos EUA insuficiente ou inconsistente, como a definiu o próprio ministro da Fazenda, Dilson Funaro. Sua crítica é acompanhada pela do ministro Olavo Setúbal, do Exterior, pois, a seu ver, o plano não ataca o problema essencial do endividamento da região.

Essas críticas são citadas na Europa para situar a posição atual do governo brasileiro como "um discurso de geometria variável".

Isso porque, em Washington, praticamente ao mesmo tempo, os negociadores do Brasil mostravam-se muito mais clementes em relação ao "Plano Baker". Por exemplo: para o ministro do Planejamento, João Sayad, que se encontrava nos EUA, o plano do secretário do Tesouro favorece o crescimento, constituindo, sob

esse aspecto um progresso indiscutível.

As respostas à consulta feita pelos bancos comerciais norte-americanos a seus parceiros europeus, em relação ao "Plano Baker", indicam a existência de muitas reservas. A principal delas partiu principalmente dos bancos franceses, contrários à elaboração de uma lista de 15 países que deverão se beneficiar dos créditos previstos pelo plano e que poderão alcançar a cifra de US\$ 47 bilhões, nos próximos três anos.

Anteriormente, também os bancos britânicos haviam reafirmado que não gostariam de discutir o tema globalmente, ou seja, com um conjunto de países, preferindo examinar o problema do endividamento "caso por caso". É essa perspectiva de discutir a dívida com um grupo de países e não apenas com um devedor que não seduz os banqueiros da Europa. Um deles chegou a declarar: "já foi difícil implantar os comitês de negociação com os diversos países devedores, razão pela qual não pretendemos negociar, daqui para frente, com uma frente de devedores".

As reservas são tais que os banqueiros alemães só admitem responder à consulta feita pelos bancos norte-americanos no início do ano, enquanto os bancos suíços admitem que poderão deixar de respondê-la.

Das reivindicações dos países de Cartagena, Montevidéu, os europeus concordam com a que se refere à capitalização parcial dos juros, mas esse é um ponto de bloqueio para os banqueiros norte-americanos, que

não querem sequer ouvir falar dessa possibilidade.

Outras reivindicações encontram uma forte oposição dos banqueiros europeus e norte-americanos. É o caso, por exemplo, do aumento entre 15% e 20% dos créditos dos organismos internacionais, mas sem qualquer tipo de condicionamento.

Ora, o Plano Baker tem o apoio dos credores na tentativa de transformar o Banco Mundial e o próprio FMI em verdadeiros gendarmes das economias dos países endividados. Mas esse é um ponto delicado, pois os países endividados da América Latina tornam-se a cada dia mais intransigentes, rejeitando qualquer tipo de monitoramento de suas economias.

A situação atual não é apenas delicada para os países devedores, mas também para o FMI e Banco Mundial, que enfrentam pressões de duas frentes diferentes, razão pela qual são os principais interessados em que o "Plano Baker" produza resultados rapidamente. De um lado, esses organismos sofrem pressões de países devedores da América Latina, alguns já limitando o pagamento do serviço da dívida, entre eles o Peru, outros ameaçando fazê-lo proximaamente, caso do Brasil, que pretende também limitar o pagamento dos juros a uma percentagem de suas receitas de exportação. Por outro lado, os grandes bancos privados, principalmente os europeus, que pressionam esses organismos e multiplicam suas reservas em relação ao plano do secretário do Tesouro, James Baker.